

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOSÉ LUIZ DE SOUZA SANTOS

TRAJETÓRIAS PERFORMÁTICAS ENTRE ESCOLA, DOCÊNCIA E COTIDIANO

MATINHOS

2018

JOSÉ LUIZ DE SOUZA SANTOS

TRAJETÓRIAS PERFORMÁTICAS ENTRE ESCOLA, DOCÊNCIA E COTIDIANO

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, do Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.º Dr. Almir Carlos Andrade




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO





PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Professor MSc. Almir Carlos Andrade, realizaram em 28 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do estudante José Luiz de Souza Santos, sob o título “TRAJETÓRIAS PERFORMÁTICAS ENTRE ESCOLA, DOCÊNCIA E COTIDIANO”, sendo quesito parcial para obtenção do Título de Especialista no Curso de *Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido “APROVADO”.

Matinhos, 30 de junho de 2018.


MSc. Almir Carlos Andrade
Professor Orientador


Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Integrante


Dra. Francéli Brizolla
Professora Integrante


José Luiz de Souza Santos
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

TRAJETÓRIAS PERFORMÁTICAS ENTRE ESCOLA, DOCÊNCIA E COTIDIANO

JOSÉ LUIZ DE SOUZA SANTOS

RESUMO

O presente texto, visa apresentar memórias de vivências educacionais em Arte/Educação em uma perspectiva contra-hegemônica junto ao curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, que foram desenvolvidas durante o ano letivo de 2017 em um Colégio Estadual, situado na região metropolitana de Curitiba/PR. A proposta se fundamentou em experiências desenvolvidas por meio de Performances, vista como possibilidades para uma efetiva e transformadora Nova Educação e que desencadeou uma sequência de apresentações e intervenções performáticas no espaço escolar em voga. Assim sendo, esses escritos mostram por meio de um memorial, trajetórias performáticas que passam ora na escola, ora na perspectiva da docência e por fim, no cotidiano escolar através de debates, rodas de conversa e indagações dicentes e docentes. O texto está dividido em partes, onde na primeira etapa é apresentado uma introdução do que se desenvolverá adiante, na segunda etapa apresenta-se especificamente o memorial de trajetória de vida do autor desses escritos. Na terceira parte, mostra-se relatos sobre as vivências performáticas e amostragem de imagens das intervenções. E por fim, o texto segue para as últimas considerações a respeito do projeto aqui apresentado.

Palavras-chave: PERFORMANCE. ESCOLA. DOCÊNCIA.

1 INTRODUÇÃO

Este texto que se inicia, construído na conexão entre esferas e caminhos de uma vida educativa trilhada, experienciada, deformada e remontada sob olhares e direcionamentos escolarizantes fortemente hegemônicos e definidores, tem a carga de mostrar pelas entrelinhas academicizadas e formais da escrita obrigatória de um trabalho de conclusão de curso, um sujeito, um projeto e as trajetórias de um corpo performático que caminha por entre a docência e o cotidiano tenso dos espaços educacionais, que aqui, acompanha o sentido de escola. Vasconcellos (2003, p. 31) diz que “a questão do sentido da escola, da sua função, da sua finalidade é decisiva para se entender o que está acontecendo hoje com a educação”.

Com o intuito de direcionar o leitor as propostas de trabalhos e os relatos de experiências junto a Especialização em Alternativas para uma Nova Educação (doravante ANE), desenvolvi um texto com o foco voltado para a elucidação do que

tenho entendimento sobre alternativas para a efetivação de uma educação de qualidade e mais humana, a partir de práticas e intervenções performáticas na escola. Assim sendo, este trabalho tem como principal objetivo, apresentar as memórias de um projeto que se configura e se apoia na busca intensa de uma educação contra-hegemônica, com igualdade e efetivação de direitos. Ainda, tenho como especificidades:

- Mostrar alguns caminhos percorridos para a organização e efetivação do projeto desenvolvido em um Colégio Estadual da região metropolitana de Curitiba/PR.

- Indicar, por intermédio de Performances, possibilidades de alternativas para se olhar o corpo presente na escola.

- Relatar algumas experiências e vivências junto aos sujeitos escolares que participaram ativamente nas propostas de performances de intervenções nos espaços do colégio, bem como, de minhas participações nos projetos dos amigos da ANE.

A proposta iniciada ainda no primeiro semestre do ano de 2017 e sem previsão de finalização, consiste em desenvolver em conjunto aos sujeitos escolares (comunidade escolar), propostas de performances artísticas que tivessem o foco voltado para a intervenção nos espaços da escola, aos quais estivessem de alguma forma mal ou não utilizada, além de abordagens de assuntos conectados a questões políticas, sociais, artísticas e culturais. Isso tudo colocado como alternativas para uma nova educação, tem a possibilidade de constituir uma cultura de reconhecimento do que se pratica, como questões intrínsecas a nós historicamente. Morin (2011), diz que

a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, dos fazeres, das regras, das normas, das proibições, das estratégias, das crenças, das ideias, dos valores, dos mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. (MORIN. 2011, p. 50)

Assim sendo, a proposta justifica-se por tratar a performance de intervenção como alternativa para uma educação que mostre ao sujeito presente na escola, vias para a mudança, a transformação da realidade social e escolar de toda comunidade. Diante disso, o texto está estruturado em sua primeira etapa com uma breve apresentação a respeito de minha trajetória até chegar na ANE, de como me

constitui como um sujeito que busca cotidianamente possibilidades e alternativas para uma nova educação.

No segundo momento, mostro ao leitor um relato e registros visuais das vivências e intervenções realizadas durante as propostas de intervenção em conexões a ANE. E após o relato, direciono este trabalho para as últimas considerações da escrita, mas, abro caminhos alternativos de mostrar ao sujeito presente na escola, que ele possui um corpo e este, por sua vez, é passível de transformação e capaz de transformar, de ensinar e de aprender. Segundo Alves (2015, p. 164) “O corpo sabe sem precisar pensar. O corpo é sábio. O corpo é educador por graça, de nascimento. Não precisa de aulas de pedagogia.” Assim sendo, direciono agora o leitor para uma breve apresentação de experiências que obtive durante minha trajetória de vida.

2 MEMÓRIA DE VIDA

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (FREIRE, 1979, p. 27)

As vias de minha vida me transformaram e me trouxeram até aqui, as várias situações vivenciadas por mim, me fizeram querer continuar. “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim”. (GASSET, 1914, p. 12). As palavras de Gasset (1914) resumem os caminhos de minha vida e sugerem a mudança a partir de uma realidade vivida. Apresento um breve desenrolar de minha vida, imaginada e arquitetada como uma união de sentidos, marcada por tensões, barreiras, confrontos, valores, pontos de vista e lembranças que passam também por vias conflituosas. (BRAIT, 2012) E considero necessário falar de mim, já concordando com o filósofo e influenciador brasileiro Mario Sérgio Cortella, quando ele diz que “o maior prazer que o ser humano tem, em qualquer momento de sua história, é falar sobre si mesmo.” (2014, p. 67)

Portanto, é preciso dizer que sou artista, mas, as lembranças que carrego me aproximaram de minha principal função, Arte/Educador. Essas recordações fluem pela arte e suas linguagens, passando pelas vias conflituosas da escola. Diante disso, percebo uma responsabilidade intrínseca a mim, sem chances de desconexão. Para tanto, acreditando em alternativas para uma nova educação, me

aproprio das palavras de Bakhtin (2011) para elucidar meu posicionamento em relação as vivências artísticas e a arte que vive em praticamente tudo que faço:

Pelo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com a minha vida para que todo o vivenciado e compreendido nela não permaneçam inativos. [...] O sentido correto e não o falso de todas as questões antigas, relativas à inter-relação de arte e vida, à arte pura, etc., é o seu verdadeiro patos apenas no sentido de que arte e vida desejam facilitar mutuamente a sua tarefa, eximir-se de sua responsabilidade, pois é mais fácil criar sem responder pela vida e mais fácil viver sem contar com a arte. Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade. (BAKHTIN, 2011, p. 01, 02)

Allan Kaprow, citado por Schechner (apud, 2006, p. 14) diz que “se você não sabe muita coisa sobre vida, você vai perder a maior parte do significado da arte como vida.” A Arte apareceu em meu caminho ainda na infância, quando as curiosidades e circunstâncias de menino ainda tomavam conta de meu cotidiano. Educação, da mesma forma. Filho de um músico, retirante, cearense, pintor de construção civil e analfabeto e de uma professora de português, pedagoga, paranaense e independente, que lecionava em três ou quatro escolas públicas de educação infantil, ensino fundamental e médio.

Cresci saboreando as descobertas dessas duas esferas em casa. Dentre as belas canções dialetadas e gramaticalmente incorretas cantadas por meu pai, e em meio às lindas pinturas e murais também produzidas por ele, surgiam os anseios artísticos. Dentre as correções das provas, organização dos planos de trabalho docente; livros didáticos, de literatura, de artes e de registro de classe de minha mãe, e diversas visitas às escolas que ela lecionava, surgiam as primeiras tensões escolarizadas conectadas a meus devaneios estudantis, mesmo antes de me tornar formalmente um estudante.

Essas influências sempre estiveram e ainda estão latentes em mim. Criança hiperativa, curiosa, alfabetizada em casa e que cresceu em uma pequena cidade do interior do Paraná, comunguei nas mais variadas relações e experiências, que fizeram de meus caminhos uma união empírica de vivências inesquecíveis.

Estas vivências me transformaram, e as carrego até o presente momento. Com elas, as indagações, que explicitam uma história carregada de conflitos e que deixam visíveis marcas de um corpo escolarizado e domesticado social e culturalmente, e que encontra nos caminhos percorridos, possibilidades de compreensão de antigas inquietações e a abertura para novos questionamentos.

A escolha em ser arte-educador não se deu por acaso. Acredito que desde minha infância, sonhei em ser professor. Porém, antes de me conectar com o meio educacional profissionalmente, experienciei durante minha vida escolar, a definição “mor” de um estudante, a reprovação.

Como supracitado, ainda na educação infantil disseram e me fizeram acreditar que eu era uma criança com hiperatividade, o que marcou minha vivência escolar. Não conseguia me enquadrar nas convenções escolares, fazia o que era proposto, todavia, primeiro que todos os outros colegas de turma (em casa), para que não tivesse funções na escola.

Durante toda minha vida escolar, busquei me enquadrar, me emoldurar nessas convenções, e até que consegui. Por muito tempo, também fui visto pela escola como um dos melhores estudantes, com as melhores notas, mas, sempre com o sentimento de insatisfação. Logo, em um determinado período, foi inevitável perceber que estava fingindo sobre quem eu era. Totalmente desconexo a tal disciplina que tanto se fala nos espaços educacionais. Algo que até hoje não consigo efetivamente compreender, mas, que Vasconcellos (2010) elucida muito bem, quando diz:

Antes de mais nada, para enfrentar o problema da disciplina, é necessário compreendê-lo, ou seja, entender o que está acontecendo hoje com a disciplina na sala de aula, na escola (e na sociedade). Com certeza, uma série de fatores influencia, mas devemos analisar *como* ocorre concretamente – como síntese de múltiplas determinações. No processo de análise é que irão emergindo os determinantes fundamentais do problema em estudo. (VASCONCELLOS, 2010, p. 25)

E no 2º ano do Ensino Médio, me rebelei contra tudo isso e no auge de minha “rebeldia adolescente e de minha hiperatividade”, fiz praticamente tudo que um estudante precisa fazer para reprovar de ano no sistema tradicional de ensino:

- Faltava na escola;
- Gazeava aulas;
- Pulava o muro de fora para dentro e de dentro para fora da escola;
- Ficava na quadra após os intervalos;
- Não fazia trabalhos propostos;
- Não estudava para provas;
- Dormia em sala;

- Transgredia regras e normas escolares;
- Muita conversa em sala;
- Brigas frequentes.

Entre outras coisas e tudo que eu encontrava como forma de me rebelar contra o que eu pudesse perceber que estava atrapalhando minha vida, eu fazia. Considerava-me descolado fazendo tudo isso. E quando no fim do ano a definição: repetente!

E por incrível que pareça, fiquei chocado com o resultado, minha mãe muito triste, meu pai decepcionado, meus irmãos espantados. Na época, a morte social de minha vida escolar. Decidi não mais estudar, arrumei três empregos e novamente me vi enquadrado em algo e sem motivação. E assim permaneci por dois anos.

Foi quando senti a vontade e a necessidade de sair de minha cidade e, já na maioridade, surgiu à oportunidade de ir embora para Itália, e assim o fiz. Foram quase dois anos fora do país, onde pude experienciar e vivenciar coisas que jamais imaginara antes. Coisas belíssimas, instigantes, motivadoras, mas, também vi o lado ruim de estar longe de casa. Toda via, vejo tudo isso como combustíveis para a mudança e as circunstâncias me direcionaram novamente a escolher vias a percorrer. Volto ao Brasil decidido a retomar os estudos.

Em oito meses, terminei o Ensino Médio no Sistema de Ensino para Jovens e Adultos (EJA) com um sentimento de insatisfação. Pois, segundo nossa sociedade, eu deveria entrar em uma faculdade, ter um curso superior, para ser “alguém da vida”, como se já não fosse e com os conhecimentos proporcionados por esse sistema, sem minha determinação, eu mal conseguiria fazer a inscrição no vestibular. Em fim, não conseguindo me alocar em minha cidade natal, me encaminhei para outra cidade para tentar fazer um curso superior e trabalhar.

Consegui emprego de vendedor de planos de saúde e funerais. Novamente a insatisfação. Foi quando um colega de trabalho percebeu isso e me questionou sobre qual era meu maior sonho ou anseio profissional. No momento, não soube responder, mas, fiquei a me questionar até concluir que o que eu queria era ser professor, sem entender os motivos. Principalmente por minhas experiências escolares.

E novamente as circunstâncias me direcionaram. Certo dia, ao acordar para mais um cansativo e desmotivante dia de vendas, abro a porta do banheiro da

republica ao qual morava, me deparo com meu irmão todo machucado e alcoolizado, após uma noite de bebedeiras. Ele sofreu agressões de um grupo desconhecido e quase morreu. Naquele momento, decidi vender todos os móveis, sair do emprego e ir embora para Matinhos, cidade onde meus pais estavam morando. Sugeri o mesmo para meu irmão e, após o ocorrido, ele optou em vir comigo.

E na busca de me alocar efetivamente em uma perspectiva profissional e que me direcionasse ao que eu já tinha certeza em fazer, conheci a UFPR Litoral e o curso de Licenciatura em Artes, que me proporcionaram reflexões sobre minha vida escolar, meu percurso na educação e as realidades escolares. Pude questionar e me indagar sobre minhas próprias práticas docentes, bem como as práticas já existentes nas escolas que passei.

Tendo em vista o engessamento que acontece por meio da escolarização formal nas escolas, me indago a pensar no que fazer para que haja uma mudança significativa e qual o meu papel diante dessa realidade. Assim, durante quatro anos venho buscando uma didática conectada a alternativas para uma nova educação,

uma didática que articula teoria e prática, escola e sociedade, conteúdo e forma, técnica e política, ensino e pesquisa; uma didática que concebe os professores como sujeitos que aprendem uma profissão e se fazem profissionais na medida em que aprendem ensinando. (FARIAS; et. al., 2011, p. 17)

E hoje, posso dizer que estou bem próximo de me conectar com essa perspectiva, pois, a ideia de rede em que a ANE nos proporciona generosamente me remete a um caminho cheio de vias, trazidas por todos integrantes e suas experiências. Neste sentido, direciono novos olhares sobre as vivências dos estudantes e, principalmente, sobre seus saberes e habilidades, isso, em interface às linguagens artísticas, respeitando o que já sabem e constituindo novos conhecimentos. Freire (2013), enfatiza com muita propriedade a importância de uma abordagem neste sentido, quando fala:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária –, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2013, p. 31)

E assim, trago para minhas vivências e experiências, novos aprendizados e caminhos para o reconhecimento e manutenção desses saberes.

3 RELATO DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA ANE

Relatar uma vivência é recordar aquilo que se foi para que adiante, se faça algo melhor. Desse modo, apresento aqui um breve relato do que venho me utilizando para a organização e efetivação de práticas de vivenciamento artístico projetadas pelos próprios estudantes. Exemplo disso são as propostas descritas a seguir, que aconteceram simultaneamente, sob minha mediação, com turmas do Ensino Médio em um Colégio Estadual da região metropolitana de Curitiba/PR.

Estas propostas visaram estabelecer diálogos entre as linguagens artísticas com esferas das convenções e questões sociais que engendram minha proposta individual desenvolvida na ANE e estas, vão além de meus direcionamentos profissionais cotidianos como docente, pois, são constituídos democraticamente no debate entre os sujeitos escolares, fora da perspectiva de planejamento bimestral ou trimestral, em consonância com o que entendemos coletivamente como alternativas para uma nova educação e, principalmente, com o intuito de quebra de paradigmas já explicitamente engessados no espaço escolar em voga.

O projeto foi planejado e estruturado para acontecer durante os anos letivos de 2017 e 2018 e tiveram como principal foco, a intervenção performática dos espaços da escola, aos quais foram escolhidos pelos estudantes por intermédio do reconhecimento das necessidades identificadas por eles com parcerias de alguns professores da escola e equipe pedagógica do período noturno, apesar de o projeto ter efetivamente acontecido durante os períodos matutino e noturno.

É importante salientar que quando falamos em Alternativas para uma Nova Educação, não excluimos ou banalizamos coisas como o planejamento das ações, ao contrário, observar, analisar, planejar para agir é fundamental para que o processo tenha possibilidades de dar certo. “A prática educativa, como intencional e sistemática, precisa ser organizada previamente, o que se concretiza por meio do planejamento das ações didáticas e pedagógicas da escola.” (FARIAS; et. al., 2011, p. 107)

Acredito que por intermédio da performance e suas possibilidades de construção de conhecimento, o sujeito escolar tem a capacidade de buscar em suas experiências determinadas questões que podem contribuir com a efetivação de

projetos transformadores, “performance é reconhecimento. A performance realiza, concretiza, faz passar algo que eu reconheço, da virtualidade à atualidade” (ZUMTHOR, p. 35) Desse modo, apresento abaixo algumas das performances organizadas pelos estudantes e que fazem parte de meus estudos junto ao coletivo ANE.

- 1º Ano Matutino / 1º semestre 2017: “O que a Sociedade diz?”

FIGURA 01 – PREPARAÇÃO E DEBATE PARA PERFORMANCES



FONTE: Acervo do autor (2017)

Após debates e rodas de conversa entre os estudantes, surgiu a proposta de organização de performance artística que tratou de assuntos como o Preconceito no Futebol, Violência contra Mulher, Alienação por meio das tecnologias e Corrupção na Política Brasileira. A ideia foi trazer pontos de vista da sociedade moderna sobre essas questões e mostrar que isso também está presente na escola. As imagens abaixo, mostram o processo de preparação e desenvolvimento das ideias por parte dos estudantes, que direcionaram e identificaram as possibilidades performáticas para apresentar os assuntos pretendidos.

Além disso, é possível perceber nas cenas, que existe toda uma abordagem física e imagética do que se entende, principalmente, por violência. Pois, em duas das três imagens, pessoas estão ao chão, que representam indivíduos sendo violentados fisicamente.

Ainda, podemos ver como se davam as organizações dos debates e as exposições de ideias dos estudantes, bem como se apropriavam das salas de aula como um espaço especificamente de integração.

- 2º Ano Matutino / 1º semestre 2017: “Docente X Discente: as relações e tensões da sala de aula”

FIGURA 02 – THE WALL



FONTE: Acervo do autor (2017)

Por meio de relatos e reflexões dos estudantes sobre suas relações com seus professores, iniciou-se a organização de uma performance artística e montagem de coreografia da música “The Wall” da banda Pink Floyd, a partir do clássico videoclipe onde crianças são direcionadas para máquinas uniformizadoras. Essa performance consistiu em apresentar essas relações e, principalmente, as tensões que acontecem em sala de aula entre estudantes e professores.

Na imagem, apresento uma breve parte da preparação dos estudantes diante da proposta desenvolvida por eles, no sentido de releitura do clipe e adaptação para a realidade do Colégio. O interessante dessa intervenção é a apropriação do espaço da quadra poliesportiva durante o intervalo, que normalmente é “monopolizada” especificamente para perspectiva esportiva. Além disso, é possível notar uma estudante andando sobre as carteiras, que representa uma crítica em

relação ao engessamento do corpo em detrimento da mente, principalmente, direcionado nas vivências escolarizantes da sala de aula.

A estudante que representa uma docente caminhando sobre as carteiras, deixa evidente que nós professores, por muitas vezes nos conformamos com o que está posto sobre a sala de aula e com isso, deixamos de lado, o que o professor Celso Vasconcellos nos explicou com bastante clareza na CONANE Caiçara 2017 sobre os tempos na perspectiva mitológica, ao dizer que nós deixamos de lado o tempo Aeon, que é o tempo que nunca acaba, o da infância, do brincar, de ter empatia com o que se foi enquanto criança e resgatar a própria essência do que é para sempre, as lembranças.

Assim, ela mostra que o docente também em processo contínuo de escolarização, pode se desconectar nas amarras imperativas e autoritárias da escola e vivenciar junto aos estudantes as possibilidades de Alternativas para uma Nova Educação.

- 3º Ano Matutino / 1º semestre 2017: “Mostre sua cara, o país precisa de você!”

FIGURA 03 – LGBTs



FONTE: Acervo do autor (2017)

A proposta visou por meio de debates e pesquisa, organizar uma performance artística que tratou de Questões de Gênero. A ideia foi mostrar a presença de pessoas dos vários gêneros nas convenções sociais e a importância

em se respeitar as diferenças. Nas imagens a seguir, mostro apenas uma parte da performance de dança, onde os estudantes mostraram por intermédio de uma coreografia, as convenções e tabus que a sociedade cria em relação a diversidade de gênero.

Além disso, como parte final da performance os estudantes ergueram uma bandeira criada por eles com as siglas “LGBTs”, que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros e o “S” representa os simpatizantes. Essa bandeira surge em homenagem a alguns estudantes militantes na perspectiva de gênero da escola, que em diversos momentos foram hostilizados ou banalizados por suas orientações de gênero.

É importante salientar, ou melhor, dar ênfase: Após a Performance, a gestão da escola ordenou que a bandeira fosse retirada, alegando que atrapalharia as aulas de Educação Física. Mas, os estudantes embebidos na abertura que a performance causou no processo de conscientização ao respeito a diversidade de gênero, entraram em questionamento. Neste momento, necessitei entrar com a mediação para que os ânimos não ficassem exaltados. Porém, os objetivos foram atingidos!

- 1º Ano Noturno / 1º semestre 2017: “O preconceito na Dança: Caminhos entre o Funk e o Ballet”

FIGURA 04 – FUNK X BALÉ



FONTE: Acervo do autor (2017)

Depois de um debate sobre gêneros de música e dança, exposição de ideias e conversa sobre a utilização de espaços públicos para manifestações artísticas, uma indagação foi levantada pelos estudantes, o preconceito na dança. Assim, os

estudantes estiveram organizando uma performance de Funk e Ballet e mostraram as possibilidades artísticas, trazendo a tona para a escola questões e conceitos como: Gênero, vulgaridade na dança, preconceito musical, tribos urbanas, violência, entre outras coisas.

Neste sentido, podemos ver abaixo três imagens que resumem as abordagens. Nos debates, eles chegaram a um ponto fundante sobre a dança na escola e o preconceito sobre as danças ditas como vulgares. E trazem o balé como uma linguagem que não se faz presente na escola, mas, que pode se estabelecer uma harmonia entre os gêneros da dança. Além disso, é possível ver a dramatização de duas adolescentes em processo de discussão, onde efetivamente pode identificar uma consciência a respeito do que se entende como esse preconceito mostrado nas vivências desses estudantes.

Decidi colar essa imagem das grades, que na perspectiva aqui desenvolvida, é bastante representativa em relação ao que entendo sobre Educação Hegemônica. O Colégio em questão, possui uma vertente fortemente tradicionalista e de matriz irrefutavelmente engessadora.

- 3º Ano Noturno / 1º semestre 2017: “É preciso amar: o que dizem os estudantes sobre Violência”

FIGURA 05 – É PRECISO AMAR



FONTE: Acervo do autor (2017)

Tema muito relevante, não menos que os supracitados. Após um caso grave de violência entre duas estudantes, onde se ocasionou no esfaqueamento de uma delas, essa turma se organizou autonomamente para debaterem meios de amenizar

o número de casos de violência na escola. Unindo a tensão instalada e a preocupação com a questão da violência, decidiram montar uma performance de dança e teatro para tratar do assunto. Assim, a partir de cenas que inicialmente acontecem conflitos entre sujeitos, o desfecho final é o AMOR.

A coreografia foi realizada a partir da música “É preciso amar” da banda Legião Urbana. Tais propostas tiveram como ações de intervenção no espaço escolar, as performances dos estudantes, que de modo geral, serviram como mobilizadores temáticos e direcionadores de informações sobre os assuntos abordados nas propostas artísticas.

- 1º Ano Matutino / 2º semestre 2017: “O Fantástico Mundo da Escola”

FIGURA 06 – FANTASIA E EDUCAÇÃO



FONTE: Acervo do autor (2017)

A perspectiva adotada pelos estudantes nesta etapa, após um processo de um pouco mais de seis meses, onde se trabalhou assuntos e dinâmicas diretamente conectadas com diversas questões sociais, foi a de trazer um novo caminho para o espaço escolar, que vai de encontro a uma releitura de contos de fadas, mas, que aqui, se mostra como uma fantasia possível, onde os personagens dos livros ganham vida e invadem a escola.

Em uma constante tentativa de trazer pela analogia dos contos, o projeto desenvolvido neste período, mostrou a necessidade de uma Nova Educação, imaginada com, para e pelos estudantes, pois, ao olharem para as possibilidades de transformação, eles mostraram pela Performance, um jeito diferente e possível de ser e estar na escola, na fantasia ou na realidade.

- 2º Ano Matutino / 2º semestre 2017: “Grease – A brilhantina está em nossa Escola”

FIGURA 07 – Grease



FONTE: Acervo do autor (2017)

Com o intuito de trazer a Performance clássica e cinematográfica para o chão da escola e debater questões como a figura da mulher na sociedade e o machismo presente nos espaços educacionais, os estudantes identificaram no filme “Grease – Nos tempos da brilhantina”, questões que remetem aos assuntos pretendidos, portanto, surge a proposta de uma releitura a obra. O interessante é que na perspectiva de reler o já produzido, como um filme, dá a possibilidade dos estudantes se reconhecerem subjetivamente na cena cotidiana escolar. Morin (2009) ao falar sobre *A escola da vida e a compreensão humana*, explica:

Literatura, poesia e cinema dever ser considerados não apenas, nem principalmente, objetos de análises gramaticais, sintáticas ou semióticas, mas também *escolas de vida, em seus múltiplos sentidos. [...] Escolas da*

descoberta de si, em que o adolescente pode reconhecer sua vida subjetiva na dos personagens de romances ou filmes. Pode descobrir a manifestação de suas aspirações, seus problemas, suas verdades, não só nos livros de ideias, mas também, e às vezes mais profundamente, em um poema ou um romance. (MORIN, 2009, p. 48)

Essa abordagem, em nosso entendimento (estudantes e o meu, como mediador do processo), surge como uma alternativa explicitamente inovadora, visto que não vai apenas na perspectiva de atuação ou representação pelo Teatro, Dança ou do próprio cinema, mas, através dessas linguagens os estudantes colocam em evidência caminhos para a compreensão coletiva e individual das questões abordadas.

2ª Semestre 2017 – Vivências e trocas em Projetos de Colegas ANE

- Projeto VagaLume – Priscila

FIGURA 08 – VagaLume



FONTE: Acervo do autor (2017)

Durante todo processo ANE, fazendo uma análise de todas as vivências e encontros, posso dizer que ter vivenciado diretamente alguns projetos dos colegas ANE, me faz ver o quanto estou aquém da humildade e simplicidade em se quer demandar perspectivas de Alternativas para uma Nova Educação. Fazendo jus ao que um dos colegas disse em um dos encontros na Universidade, pensar em Alternativas é antes se pensar como uma.

Digo, o que desenvolvi e venho desenvolvendo junto aos espaços educacionais onde atuo, tem a perspectiva e direcionamentos ANE, mas, ao entrar em contato com os projetos alheios, pude identificar em mim, uma necessidade de aprender e vivenciar mais novas propostas, de ter contato com quem efetivamente está pensando em uma Educação renovada, sem amarras, que coloque educador e educando na mesma esfera, como sujeitos de um todo e de interdependência para a própria evolução.

E isso tudo, inicialmente, notei ao participar de um encontro organizado na chácara do morro do Fusca de propriedade da colega Priscila, localizada em São José dos Pinhais. Antes que se dessem início as efetivas propostas do projeto Vagalume direcionado por ela, aconteceu uma profunda e elucidativa conversa sobre diversos assuntos relativos as diversas convenções sociais, políticas e culturais.

Inclusive neste momento, pudemos conversar com alguns estudantes que se fizeram presentes, sobre as ocupações das escolas públicas no Paraná. E foi justamente neste momento que pude perceber minha defasagem a respeito de que Nova Educação estou buscando e esperando com minhas ações, pois, enquanto acreditava que apenas propor ações e não vivenciar junto aos estudantes era o caminho, eles estavam mostrando um trajeto totalmente inverso, o do protagonismo juvenil e estudantil.

Após as conversas, pudemos conhecer o que a Priscila vem desenvolvendo em sua chácara, que se inicia no pé no morro do Fusca e sobre, apresentando como funciona a procriação dos vaga-lumes, as formações das plantas e a vida dos animais, tudo de forma muito prática, tátil e visual. É um todo de sensações!

Ainda ao retornar, pudemos nos deliciar com um almoço organizado por um rapaz que mora na comunidade onde se localiza a chácara. Tudo feito com alimentos produzidos na região da chamada Roça Velha, comunidade rural de São José dos Pinhais que, diga-se de passagem, atende estudantes do Colégio onde atuo e que acontece meu projeto de Performances de intervenções do espaço escolar.

Neste momento, pudemos falar sobre maternidade, paternidade e educação positiva na perspectiva da vida no campo, sobre a vivência da criança em contato com a natureza e como isso pode contribuir para uma Nova Educação. Os estudantes secundaristas que estavam presentes, comentaram como eles

preparavam seus alimentos no Colégio ocupado por eles, qual era a perspectiva de interação e integração dos conhecimentos do campo na organização e manutenção do espaço ocupado e como tudo isso favoreceu de maneira verdadeiramente significativa para eles.

- Proposta de Conversa e Debate sobre os Índios no Brasil – Landir

FIGURA 09 – Landir no Colégio do Campo



FONTE: Acervo do autor (2017)

A proposta aqui apresentada, surge em uma parceria entre o projeto do amigo Landir¹ e o projeto que venho desenvolvendo no Colégio já mencionado em outros momentos. Essa parceria proporcionou rodas de conversa com os estudantes sobre demandas específicas e cultura indígena, além de se apresentar um aparato histórico sobre as lutas e tensões enfrentadas pelos povos indígenas nas Américas.

Essa visita proporcionou um caminho de esclarecimentos e reconhecimentos sobre a presença da Cultura Indígena em nosso cotidiano, bem como da aceitação em relação a miscigenação evidente em nosso país. Também foi possível notar que existe uma espécie de banalização enraizada a respeito de questões de cunho sociocultural em relação a cultura eurocêntrica muito presente na região onde o Colégio se situa.

¹ Landir de Castro Souza é um amigo e companheiro de caminhada na ANE e nas vias da educação pública do estado do Paraná. Ele, mais do que eu vive uma tensão explicitamente de embate na busca por uma educação de qualidade. Ele atua como professor de Ciências na Aldeia Araçaí, onde vivem indígenas Guaranis e é situada no município de Piraquara/PR, ao qual desenvolve projetos transformadores junto a escola indígena e a comunidade.

Após a conversa, fizemos uma análise sobre o espaço escolar desse referido Colégio uma comparação com a Escola da Tribo Indígena de Piraquara. Isso contribuiu para constatar junto aos estudantes, uma verdadeira demagogia presente em ações e legislações de incentivo e avanço da qualidade de ensino no país. Ao final, propusemos uma interação entre os estudantes, por intermédio de cartas entre a Escola Indígena e o referido Colégio.

- Evento ANE de Desformação – Núcleo Matinhos

FIGURA 08 – Landir na Colégio do Campo



FONTE: Acervo do autor (2017)

Um momento para ficar marcado em minhas vivências e experiências. Quanto desprendimento e disponibilidade que esse grupo demonstrou, quanta abertura para novos aprendizados. Nesse momento, pude sentir na prática a importância de se buscar novas possibilidades na busca de uma Nova Educação. A cada discurso, a cada conversa, a cada entrega um novo aprendizado e uma experiência carregada para a vida. Participei no sentido dos ensinamentos de Rubem Alves (2015, p. 95): “Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram, desencaixotar emoções, recuperar sentidos.”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar esta etapa, me faço uma pergunta que é muito latente e que considero necessária: como fazer efetivamente para sair das caixinhas estabelecidas pelas convenções escolarizantes que são e estão postas de maneira explícita em nossa sociedade?

Já arriscando uma resposta: por intermédio de uma rede de pessoas dispostas a vivenciar, experienciar e desenvolver vínculos de apoio mútuo.

Durante todo processo ANE, que vai do início de 2017 aos dias atuais, sempre me pego fazendo essa pergunta e recordando do vínculo que se formou com a rede. A ANE vai além de um lugar de aprendizagem, ela vai para uma perspectiva de envolvimento da comunidade, da integração pelas diferenças, da aproximação em constante necessidade e da luta para efetivação e manutenção de direitos nos diversos seguimentos de nossa sociedade.

Diante disso, é impossível eu pensar em algo que fuja da perspectiva de transformação em detrimento de uma Nova Educação. Ao me reconhecer como partícipe de um grupo que está em pleno processo de busca para essa transformação, de entendimento que se faz necessário para uma Educação de qualidade e mais humana, que respeite os saberes historicamente constituídos, mas, que também estejam em voga as vivências e experiências daqueles que se deixam educar, como venho tentando fazer, aprender para ensinar e ensinar para aprender, é que continuo acreditando em tudo isso.

Se eu tiver a liberdade de buscar minimamente que seja uma definição sobre o que significa Alternativas para um Nova Educação, e eu acho que tenho, eu direi que isso só acontece através de nós mesmos, de nossas tentativas de agir em favor de uma nova educação, de fazer por onde se criem sentidos para os saberes direcionados e que esteja em explícita conexão com a realidade de cada educando.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem – **Rubem Alves essencial: 300 pílulas de sabedoria** – 1ª ed. - São Paulo: Planeta, 2015.

BAKHTIN, Mikhail – **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra ; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. – 6ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRAIT, Beth – Apresentação. Importância e necessidade da obra *O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica* – In.: **O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica** – Pável N. Medviédev / tradução: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Contexto, São Paulo, 2012.

CORTELLA, Mario Sérgio – **Educação, escola e docência: novos tempo, novas atitudes** – São Paulo, Cortez, 2014.

FARIAS, Isabel Maria Sabino; [et. al.] – **Didática e docência: aprendendo a profissão** / Brasília: Liber Livro, 2011.

FREIRE, Paulo – **Educação e mudança** – tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo – **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** – 45ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GASSET, Ortega y - **Meditaciones del Quijote** – Alejandria Digital / Blog Enciclopédico – Biblioteca Universal – Casa Editorial, 1914. Acesso em: 12/08/2016 – Disponível em: <http://www.alejandriadigital.com/wp-content/uploads/2016/07/Meditaciones%20del%20Quijote.pdf>

MORIN, Edgar – **Os sete saber necessário à educação do futuro** – tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2ª ed.rev. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MORIN, Edgar – **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento** – Tradução: Eloá Jacobina. - 16ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

SCHECHNER, Richard – “O que é performance?” – In.: **Performance studies: an introduccion, second edition** / p. 28-51, New York & London: Routledge, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos – **(In)Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola** – 18ª ed. / São Paulo: Libertad Editora, 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos – **Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação** – 10ª ed. São Paulo: Libertad Editora, 2003.

ZUMTHOR, Paul – **Performance, recepção, leitura** – 1ª ed. Cosac Naify, São Paulo/SP, 2014.